

O NÚMERO



Exemplar número 1/ Julho 2007

Com a presente edição (Janeiro/2016), comemoramos o número CEM do boletim. Uma façanha, sem dúvida, para a qual contamos, desde a edição nº 1, Julho/2007, com o apoio de colaboradores diversos – redatores, revisores, pesquisadores, “contadores de causos”, distribuidores, autoridades, educadores, instituições sociais e culturais, cidadãos anônimos – e muito especialmente de nossos diletos e fiéis leitores.

O boletim, embora a sua total modéstia, é um consenso. Ou como se diz: uma festa. Muito aguardado, a cada mês, a cada edição. Pessoas que cobram assuntos (ou até o eventual atraso na entrega da edição), dão sugestões, fazem correções, se impressionam com os conteúdos e a dimensão de nossa real história.

Quando da discussão/ lançamento do singelo boletim, já o dissemos inúmeras vezes, a ideia básica era a de mero resgate e registro da memória local-regional e ainda assim limitados às condições e disponibilidades de tempo dos colaboradores imediatos, de recursos para o custeio da publicação, que seriam esporádicos. etc. Contaríamos, dentro de nossa ingenuidade, assim se pensava, para dar um suporte mínimo à manutenção, com o apoio de empresários/empresas de nosso meio, algumas, como se sabe, sólidas, com grandes faturamentos, portentosos investimentos, a se estender por terra, a encher os ares, a olhos vistos... Afinal, cabe a todo cidadão e muito especialmente ao empresário, responsabilidade social e coparticipação no desenvolvimento cultural da comunidade!

Simploriedade tem lá seus preços! Ainda bem. Fracassada a utópica “ajuda”, fomos brindados com a contribuição espontânea, valiosíssima, anônima em parte, de dezenas de são-tiaguenses, amigos da cidade, da cultura, do progresso, a quem somos extremamente gratos. Temos certeza de que a posteridade valorizará e enaltecerá a todos esses colaboradores, exemplares cidadãos, porque com o seu “óbolo” permite-se resguardar e registrar a nossa história, nossa memória. O patrimônio histórico, cultural, memorialístico, sedimentado ao longo dos séculos, é fruto de sensibilidade, garra, destemor de tantas gerações e que necessita ser valorizado, resguardado. Uma herança coletiva que fixa a identidade, a potencialidade, a riqueza material e imaterial do grupo comunitário.

Já patrimônios materiais, imobiliários, ativos financeiros, em questão de poucas gerações, desaparecem...

Uma profunda gratidão é reservada ainda às instituições cooperativistas de nosso meio, em particular o SICOOB CREDIVERTENTES e extensivamente a antiga CASTIL (hoje acompanhada pela COOPERBOM), que contribuem, desde o primeiro número, para a efetiva sobrevivência da publicação. Nossos agradecimentos ainda à empresa MAPA DE MINAS que nos ajuda nos serviços de diagramação... de forma gratuita, reduzindo-se os custos.

Uma palavra final. Dizia-se que o boletim, talvez, não dispusesse de material para dez números. Dissemos, à época, que teríamos material para cem números. Chegados, assim, a uma centena de edições, pode-se dizer: Missão cumprida.



ADIVINHAS

Segundo um livro de quebra-cabeças publicado na Idade Média, a estátua da deusa Palas Atena trazia a seguinte inscrição:

“Eu, Palas, sou feita do ouro mais puro, doado por cinco generosos poetas. Cariseu deu a metade; Téspio deu um oitavo. Sólon deu um décimo; Temiso deu um vinte avos. E os nove talentos de ouro restantes foram doados pelo bom Aristódoco.” Quanto custou/pesou a estátua no total? (Um talento é uma unidade de peso, aproximadamente igual a 1 kg.).

Obs.: Resposta na próxima edição.

Provérbios e Adágios

- Quem rouba pouco é ladrão; quem rouba muito é barão. Quem mais rouba e esconde, passa de barão a visconde.
- Para pão duro, dente agudo
- Gato ruivo, do que usa, disso cuida.
- Quem morre por gosto, enterra no brejo
- O que é de gosto, regala a vida.
- Quem economiza na cozinha, gasta na farmácia

Para refletir:

- O homem é assombrado pela vastidão da eternidade; então perguntamos a nós mesmos: irão nossos atos ecoar através dos séculos, estranhos ouvirão nossos nomes muito depois de termos partido e imaginarão quem fomos, o quanto lutamos bravemente o quanto amamos intensamente? ... *Homero – “Ilíada”*
- Deus é isto: A beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: A beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto (*Rubem Alves*)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



NOTAS

FILHO DE SÃOTIAGUENSE FAZ MESTRADO EM PORTUGAL

O “Jornal das Lages” em seu nº 152, Dez/2015, publicou matéria sobre o pianista resendecostense Anderson da Mata Daher, 28, que cursa mestrado – em sua área – em Portugal, na Escola superior de artes aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Anderson que é professor do Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto, é filho de nossa conterrânea, Maria da Conceição Mata, casada com o resendecostense José Máximo Daher.

O que nos chamou a atenção é que Anderson é bisneto materno de D^a Jovina da Mata Caputo (1877 – 1953), esposa do Sr. Luis Caputo - que era pianista e uma das senhoras mais cultas e refinadas da sociedade são-tiaguense, no passado.

Anderson tem a quem puxar! A ele, nossos cumprimentos, votos de pleno sucesso e a toda a família Mata Daher.

Sobre D^a Jovina da Mata Caputo, ver matéria: “Cartas de Amor em Francês” em nosso boletim nº IX – junho/2008.

Gilberto José Pinto (1948 – 2015)

REGIÃO PERDE GRANDE LÍDER

O falecimento do Sr. Gilberto José Pinto, dia 06/12 último, enlutou a todos. Notável liderança regional, administrador e homem público, ex-prefeito de Resende Costa em 3 mandatos, primou sempre pela ética, integridade, espírito progressista, com ênfase para projetos comunitários de grande impacto (construção de quadras poliesportivas, centros comunitários, telefonia rural, estradas vicinais e ainda os de ordem cultural, dentre eles, bibliotecas públicas de Resende Costas, apoio incondicional a educação, a eventos.

Nossos respeitos e homenagens ao Sr. Gilberto, bem como nossa solidariedade aos familiares e comunidade resendecostense.

Realmente, uma perda irreparável!

TURISMO DE NATUREZA

Relatórios oficiais, como o Programa “Aventura Segura” do Ministério do Turismo, indicam o incremento, no Brasil, do “turismo de natureza”, em que pessoas, cada vez mais, buscam o contato com o verde, a terra, animais, cores, sons, a natureza em geral. As crianças urbanas são as mais envolvidas, beneficiadas, convivendo com situações e experiências diferentes, permitindo-lhes o desenvolvimento amplo dos cinco sentidos, o pisar no solo, a apuração da sensibilidade, a inserção e adoção, desde a infância, de práticas sustentáveis, saudáveis.

A frequência às áreas verdes melhoram o bem estar individual – assim informam pesquisadores holandeses do Centro Médico Universitário de Amsterdã e escoceses da Universidade de Edimburgo – reduzem a agressividade, depressão, ansiedade, melhoram a função mental, estimulam a meditação, a prática esportiva, o fortalecimento de todo o organismo.

O contato das crianças ajuda-as ainda a assimilarem, desde cedo, a importância da biodiversidade, da preservação ambiental, da qualidade de vida, bem como a expansão das atividades cerebrais, a criação de novas redes neurais, o robustecimento do sistema imunológico, o aumento das conexões dos neurônios.

Nosso País, que abriga a maior biodiversidade do mundo e o total de 20% das espécies conhecidas da Terra, com o riquíssimo bioma e paisagens, tem tudo para fortalecer e expandir o turismo rural e de natureza. Questão de apoio das autoridades e de motivação de nossos empresários do setor!

Enquanto isso, em São Tiago ao lado da pasmaceira, autorizam-se loteamentos sem áreas verdes, com ruas minúsculas...

Patrocínio:



Apoio Cultural:



PREÂMBULO

MANIPULAÇÃO E ESCRAVIDÃO

Somos direcionados, manipulados pelo sistema governante – isso há séculos - a um pensamento estreito, hierarquizado, divinizado do poder. Cria-se um processo político-social elitista, canônico, em que senhores, ou no mínimo “porteiros” (autoridades, juizes, religiosos) a quem cabe legislar, investigar, autenticar, mandar. Muitos se deslumbram, se autodivinizam, fazem-se intérpretes inquestionáveis da verdade. São as castas do poder intocável. Colocam-se no pedestal da superioridade absoluta, arrogantes, dotados de uma integridade própria, letrista, despótica, nobiliárquica. O poder pelo poder.

Cria-se uma linguagem “legal”, institucional, inacessível, ininteligível, buscando eliminar resistências, impor vereditos, tratar os “subalternos”, os vassalos de hoje, senão servos, (leia-se cidadão comum, contribuinte) como sub-raça, serviços a trabalharem duramente para sustentar extravagâncias, insaciabilidade, glotonices. Meros figurantes, nada mais que isso, ainda que respeitáveis, honoráveis cidadãos. O frágil, questionável poder que, para se manter, se vale de coerção, ameaças, terror (veja-se as correspondências emanadas de certos órgãos públicos ou de como somos tratados em muitas repartições!)

Há uma tentativa do poder em anular ou subestimar o conhecimento popular, com suas práticas coletivas, suas genuínas experiências, revelações emanadas da milenar sabedoria universal. Há um desdém implícito, disfarçado quanto à cultura cidadã, nativa.

Ainda bem que, acima de todo esse aparato soberano, há leis superiores, inderrogáveis, atuando no imo de cada ser, independentemente de status, “santidades” e “divindades” autoproclamadas. As Leis Maiores são espantosas, gigantescas em seus efeitos, humilham os que ferem, exaltam os que são afrontados, abusados.

A ascensão e o exercício de funções representativas deveriam ser motivo de inserção, de comunhão social, de sensibilidade, de compromisso incondicional, até mesmo de gratidão, de (poder) servir à coletividade. O que se vê, muitas e quantas vezes, é arrogância!

Deveriam os ocupantes de cargos serem instrumentos de condução/reconstrução do País, levando nosso povo à ações de pensar, criticar, compartilhar, contestar, planejar o amanhã de todos. Vemos as dolorosas situações de subtração, pilhagem do povo, legal ou ilegalmente, a população sugada, escorchada pelos mais altos impostos do mundo, sem acesso pleno à educação, saúde, segurança, saneamento, dignidade – a escravidão modernizada, um verdadeiro genocídio praticado pelos poderosos e privilegiados, há séculos, contra o povo e a Nação!

AO PÉ DA FOGUEIRA

UMA CACHAÇA DAS BOAS...

Uma tradição desde o período colonial, até os meados do século passado, estendendo-se pelas décadas de 1960, 1970, nossa região contava com dezenas de alambiques e microdestilarias artesanais de cachaça⁽¹⁾ que, ao lado de subprodutos como açúcar mascavo, rapadura, restilo, geravam renda para o produtor rural, estímulo ao cultivo de cana, empregos e fixação de mão de obra no campo.

A presença de alambiques, usinas de açúcar, banguês sempre fizeram parte da paisagem brasileira, passados de geração a geração, desde o século XVI, quando, oriunda da Ásia, se introduziu, a partir de Pernambuco, a cultura da cana no País, daí expandindo-se para praticamente todo o território pátrio.

Tradição econômica, em particular a da cachaça, que, praticamente, viria ser aniquilada pelo Estado mineiro, em meados do século passado, através de uma abominável e espoliadora fiscalização, que, ao invés de orientar, estimular, optou por multar, perseguir, invadir propriedades, constranger os produtores, levando-os ao abandono de sua peculiar atividade. “Matar a galinha” era e ainda é, segundo parece, a filosofia da truculenta política fiscal-tributária oficial⁽²⁾.

O sr. João Batista de Andrade Filho (Batistinha), conhecido comerciante local, conta-nos que, ao longo de décadas de labuta e atividades em sua mercearia, próxima à Pavuna, trabalhou com várias marcas e padrões de cachaças, de diversas procedências (fazendas e sítios de toda uma vasta região), ali vendidas aos seus habituais fregueses.

Uma dessas cachaças, produzidas pelo sr. VC, era tida pelos usuários e bebuns como da “boa”, “supimpa”; não dava, dessa forma, para a encomenda. Um regalo. Tinha ela efeitos imediatos, soporíferos, espantosos até. Uma “desmonta nego”. O caboclo tomava dois goles ou doses e por ali mesmo, pelas adjacências do comércio – passeios, ruas, lotes vagos - ou até mesmo no “reservado” (banheiro) desmontava.

A fama da cachaça se espalhou rápido. E se esgotava, num passo de mágica. Os tonéis chegavam cheios pela manhã e em poucas horas se esvaziavam. Certo domingo à tarde, estando ali à frente do balcão, atendendo a sempre fiel e extensa clientela, eis que adentra um senhor, um estranho atraído pela fama da cachaça, carro vistoso à porta, dizendo-se ser de Itaúna. Dia chuvoso, barreiro cobrindo a rua, vindo até a altura do passeio. Esclarece:

- Me disseram que o sr. vende aqui uma cachaça primorosa, fabricada por um senhor de nome VC... Ela é boa mesmo?!

Batistinha informa, então, ao viajante, esbugalhado:

- Ela é tão boa que o senhor tem que comprovar primeiro e aqui “de fora”, com os próprios olhos... Ela é apreciada, degustada primeiramente pelo olhar, e só depois pelo olfato e paladar, complementa Batistinha, com contida malícia.

Levando o recém chegado até a porta, apontou cerca de nove a dez tontos, caídos, virtualmente desacordados, ali próximos ao passeio, na descida para a Pavuna, no gramado em frente à mercearia, lotes vazios, enfim espalhados por todos os lados:

- Todos esses aí tomaram dela aqui há questão de poucos minutos atrás...



ILUSTRAÇÃO INTERNET/DIVULGAÇÃO

NOTAS

(1) *Dentre os fabricantes de cachaça artesanal mais conhecidos, segundo fomos informados, podemos enumerar: sr. Pedro Coelho; sr. Ozéas Campos; sr. Rubens (Lulu) Campos; sr. João Campos; sr. Vadinho Coelho; sr. Geraldo do Hugo; sr. Geraldinho do José Hilário; sr. Tião Leandro; sr. Messias Vivas; sr. Antonio Américo*

(2) *Sobre a vergonhosa e implacável ação fiscal do Governo mineiro, ver matéria “A esperança do Quadrado e os fiscais.” publicado em nosso boletim nº LII – Janeiro/2012.*

Não foi somente a fiscalização arbitrária quem liquidou, à época, a indústria artesanal de cachaça. Também o Conselho Regional de Química passou a notificar e denunciar os produtores, humildes produtores artesanais, exigindo que contratassem químicos responsáveis pela produção. Sem comentários...

JOSÉ CAPUTO

RELATOS DE VIAGENS



José Caputo (1929-2006)

A conservação e manutenção de estradas no Brasil, bem o sabemos, sempre foi um drama, um suplício, muitas vezes uma tragédia, uma via crucis, para quem delas dependa e as demande em viagens e locomoções. Desde os tempos coloniais, o Estado brasileiro - seja a União, os Estados federativos até as mais isoladas municipalidades - foi/é invariavelmente irresoluto, omissivo, quando não comprovadamente transgressor de suas obrigações legais e constitucionais em bem dotar o povo e o país de boas e reais condições de trânsito, locomoção, trafegabilidade.

Prejuízos incontáveis e incomensuráveis – pessoais, comerciais, materiais, turísticos, escoamentos de produção – ante a fragilidade e deficiências de nossas estradas, a maioria delas em “petições de miséria” e tendo como causas básicas a ineficiência, a falta de planejamento e de prevenção por parte da administração pública. Nossos gestores parecem ter esquecido o lema de Washington Luís, ex presidente da República, (1926/1930) para quem “governar era abrir estradas”

São Tiago e nossa região, é óbvio, nunca nos achamos livres dessa anomalia. Seja no período de seca ou de chuvas, a população invariavelmente se depara com toda sorte de precariedades – estradas intransitáveis, inundações, lama, poeira, buracos, pontes e mata-burros em más condições. Um martírio para nossos abnegados e heroicos motoristas, produtores rurais, empresários, moradores e sacrificada população

José Caputo (07/03/1929 - 09/11/2006), filho de Gabriel Caputo Resende e Maria Francisca Mendes, conhecido motorista e taxista de nossa cidade, conduzia em seus veículos (Rural, AeroWillys) passageiros para todos os cantos – cidades vizinhas, capitais, fazendas, povoados. Narrou-nos ele, ao sabor de conversas informais, muitos casos e “causos”, alguns sérios, outros pitorescos: condução de enfermos, altas horas, para Bom Sucesso, (certa vez, teve que atravessar, praticamente a nado, uma gestante no Rio Taboões, a ponte tomada pela enchente), São João del-Rei, Oliveira, Belo Horizonte; levar “agoniados” e “desesperados” (pessoas endividadas, com “apertos” financeiros e necessidades de empréstimos urgentes) até a casa de agiotas, muitos desses fazendeiros, o que era feito às escuras – à noite ou pela madrugada - pois era sobremaneira vergonhoso, desmoralizante saber-se ou sair a público que alguém estava “apertado”, com a corda no pescoço; o carro que atrapalhara no caminho, uma pane, lá pela meia noite, conduzindo um casal recém casado, em lua de mel; as peripécias, Brasil afora, conduzindo os caminhões “Ford” e “Chevrolet” da empresa Mendes (numa destas viagens, o caminhão vindo do Rio de Janeiro quebrara próximo a Juiz de Fora e José Caputo ali ficou 8 dias, guardando a carga, esperando socorro. Nesse período, uma senhora, uma samaritana moradora de uma chácara à beira da rodovia, enviava-lhe, religiosamente, as refeições, ali levadas por empregados. Grande e nobre lição de solidariedade humana). O avião de propriedade do Governador Ademar de Barros que fizera um pouso forçado, na década de 1950, em São Tiago, mais precisamente, no local Várzea ou Sapeca (hoje bairro Barro Preto) e que, após desmontado, ele levou as peças para São Paulo, em companhia do André Caputo, em um caminhão de propriedade do sr. Jose Maceninha. (Sobre o assunto – aterrissagem forçada de um aeroplano em São Tiago – ver matéria em nosso boletim nº LXXXVIII – Janeiro/2015).

Em 2000 (II Festival do Café com Biscoitos) Sr. José Caputo foi homenageado Semeador e Guardião das tradições de biscoitos e quitandas do município de São Tiago/MG.

‘ALARGAR E LARGAR AS ESTRADAS’

Numa das inumeráveis idas a Bom Sucesso, certa feita, ao passar pelo trecho no lugar “Quebra Barril”, José Caputo encontra-se frontalmente com um outro veículo, um Galaxy ou Celta Sedan, vindo de Bom Sucesso. Estrada péssima, como de sempre. Na prática, uma trilha que dava passagem, ainda assim precariamente, a um só veículo. José Caputo “espreme” a sua Rural no improvisado acostamento, sobre um monte de cascalhos e torrões de cupim.

O motorista do outro veículo, um viajante português, emparelha-se com a Rural e diz para José Caputo, na característica entonação lusa:

- Fala c’o prefeito p’ra ALARGAR as estradas!...

José Caputo, ironicamente, redargue:

- Não se preocupe, não, sêo portuga. Ele já LARGOU há muito tempo...

QUASE LEVANDO BALA...

Outro “causo” burlesco, que José Caputo nos contou, referia-se às várias viagens que ele fizera, em seu táxi, em companhia de autoridades locais, em especial de delegados de polícia, juiz de paz a uma fazenda nas proximidades da cidade. Objetivo: localizar e notificar um jovem filho da proprietária, senhora viúva e de certas posses. E também pose de durona. O rapaz, estróina, licenciado, de comportamento leviano, era acusado de deflorar uma moça, menor pobre e ingênua, além de alardear o fato, de forma acintosa e escabrosa, por bares e vias públicas, expondo a vítima da forma mais vulgar e vil. Uma abjeção de todo tamanho. Acobertado dolosamente pela mãe, o rapaz, na verdade um crápula, sempre esquivava-se às ações policiais e judiciais, ocultando-se pelos matos. Numa das tentativas, a fazendeira, além de desacatar abertamente as autoridades, munira-se de uma carabina, dando bons e altos tiros para o alto. Para aquela senhora, ainda vivia-se em tempos da Idade Média, ou de países árabes ou da escravidão em que as jovens ou mulheres eram brinquedos de posse de nobres sultões, “sinhões” e “sinhozinhos”. O fato, ao que parece, não deu em nada. Afinal, somos o país do “jeitinho” ou melhor da mais absurda impunidade...

Nossas homenagens e imemorial apreço ao amigo e conterrâneo JOSÉ CAPUTO, que tantos benefícios e serviços prestou à comunidade são-tiaguense e regional, na sua condição de motorista/taxista, numa época em que não havia o serviço público de ambulâncias, sequer serviço regular de transporte (ônibus intermunicipais) para cidades como Bom Sucesso. As pessoas da comunidade dependiam muito de B. Sucesso para hospital e consultas (geralmente com Dr. Ari Alves de Carvalho), fórum da comarca, Banco do Brasil, Funrural, etc.

Não podemos deixar de registrar outros grandes motoristas autônomos que, igualmente, prestaram inestimáveis serviços à população, em tempos idos, como os srs. João Walter Silva, Sr. Caboclo, João “Peneu”, Grilo, Geraldo Caputo, os irmãos João, José e Antonio Alvim e tantos outros, sempre disponíveis, a qualquer hora, para atendimento às pessoas e famílias locais.

QUESTÃO DE TAMANHO...

Tião da Margarida ou Tião Formiguinha⁽¹⁾, como também era conhecido, foi, como tantas outras, uma figura popular de nosso meio. Com alguma limitação pessoal, muito prestativo, sobrevivia através de pequenos encargos que lhe eram atribuídos pelos moradores, granjeando-lhe assim gorjetas, biscates ou mesmo pagamento melhorado. Carregar malas e embrulhos, levar recados, fazer entregas de compras, serviços braçais diversos, dentre eles o de ajudante de caminhão. Era visto, dessa forma, em veículos do sr. Toniquinho de Freitas e de seu filho Zeca, ajudando no transporte de pedras, tijolos, mudanças.

Um tanto quanto taciturno, ensimesmado, estava quase sempre de paletó ou roupas grossas, o cabelo invariavelmente espetado, sentado pelos bancos das praças ou nas mesas dos bares, principalmente o de propriedade do sr. João Aleluia. Era ali companheiro frequente do Zé Balaio e quando o Sargento Nogueira adentrava o recinto, vinha deles o invariável pedido: - Paga uma pinga prá nós, são "Anogueira". Cidadão pacífico, pacato, incapaz de qualquer atitude agressiva.

Detestava, todavia, o apelido de "Tião Mandi", alusão a seu cabelo espetado, que o pessoal associava à aparência do peixe mandi. Quando assim execrado pela molecada, indignava-se, exaltava-se, tendo que ser controlado por pessoas próximas. Era essa a única vez ou situação em que abandonava o seu estado habitual de tranquilidade, de quietude.

Naqueles tempos, ainda subsistia o costume de se engordar porcos na área urbana, geralmente em cevas ou cercados adaptados no fundo das hortas e quintais. Eram os suínos tratados com sobras de comida caseira, frutas colhidas ou caídas pelo pomar, soro obtido nas indústrias de laticínios locais, a que se acrescentavam fubá, raspa, farelos etc.

Chegado ao ponto de abate, era uma festa, todo um ritual doméstico. Uma azáfama na casa e vizinhança. O açougueiro ou alguém perito vinha, pela madrugada ou manhãzinha, sacrificar o animal. Mulheres da família e cidade eram requisitadas para ajudar no corte das carnes e cocção das vitualhas. Trempes eram improvisadas, fogões a lenha acesos. Vasilhames e ferramentas preparados de véspera. Serviço para horas, até dias.

Uma das partes prévias do ritual era a coleta e ordenação de folhas secas de bananeira para "sapecar" o animal, imediatamente após o seu abate. Dias antes, o proprietário ou a dona da casa solicitava a alguém para providenciar o material, facilmente encontrado nas hortas, terrenos baldios, barrancas ou periferia da cidade. Demandava uma foice de cabo longo e após cortadas, as folhas eram dispostas em medas ou feixes e assim transportadas até o local do sacrifício, geralmente o quintal da residência.

José Caputo, com um porco gordo na ceva, preparava-se para abater o animal, tomando, para tal, as providências necessárias. Encontra-se com o Tião da Margarida, na segunda feira, perambulando pela Praça da Matriz. Chama-o, dando-lhe uma solene incumbência.

- Tião, vou matar um porco esta semana - lá pela sexta feira... Quero que você providencie folhas de bananeira bem secas para sapecarmos o bicho. Pago-lhe o serviço, assim que você chegar com a "encomenda".
- Pois sim, pois não, são Zé... Amanhã mesmo trago as "paias".

Passam-se dois, três dias. O momento de sacrificar o animal se aproximando. Tião não aparece com as palhas. Também não era mais visto pela Praça. Exalava. Nenhum rasto ou cheiro do "homem das palhas". Na véspera, quinta-feira à tarde, Zé Caputo empunha a foice, chama o filho José Carlos, então com seus 8 a 9 anos e devidamente autorizados vão até o quintal vizinho onde viçavam touceiras de bananeiras. Recolhem folhas secas à farta, retornando à sua residência. Tarefa cumprida.

Passam-se dias, semanas. O encarregado das folhas secas realmente sumira do pedaço. O porco abatido, carnes cozidas, devidamente guardadas em latas e geladeiras. Certo dia, José Caputo, que era taxista, voltando de uma de suas costumeiras viagens, encontra-se casualmente com Tião na entrada da cidade.

- Tião, você sumiu. Estava já preocupado. Nem levou as folhas de bananeira que lhe encomendei...

- Ué, num levei pru modo que ocê num disse o tamanho do bicho... Fiquei na tamanha dúvida...

(1) Sebastião Raposo da Silva, vulto "Tião da Margarida" nasceu em S. Tiago em 28/10/1938 e aqui faleceu em 30/12/1989. Era filho de José Mariano da Silva e Maria Margarida Raposo. Solteiro, morou ao longo da vida, após a morte dos pais, com sua irmã Glorinha. Pessoa de temperamento sério, reservado, solitário. Trajava um invariável paletó, permanecendo horas sentado no bar do sr. João Aleluia, no banco da praça ou perambulando pelas ruas.



DO TIÃO DA MARGARIDA, CONTAM-SE AINDA VÁRIOS "CAUSOS":

I - Certa feita, seguia viagem como ajudante num dos caminhões do sr. Vicente Mendes. O veículo, abarrotado de porcos cevados, tinha como destino um açougue em São João del-Rei. Mês de janeiro, chuvas fortes, estrada de terra em péssimo estado. Próximos a Ritópolis, um acidente. O caminhão tomba em meio ao lamaçal, após deslizar e bater num barranco. Trecho cercado de esbarrecados. Porcos, ajudantes que iam na carroceria caem de borco no barro. Vicente sai apressado, atônito da boleia, procurando pela carga e funcionários. Por sorte, poucos danos. Porcada reunida, a muito custo, mas cadê o Tião?! Vicente e demais companheiros saem gritando por seu nome, cutucando aqui, remexendo ali dentro o lodaçal. Quem sabe, no capotamento do veículo, Tião tivesse sido lançado no fundo do barranco. Acabam, enfim, descobrindo Tião, todo atordoado, lama dos pés à cabeça, irreconhecível, ileso, porém, o que levou Vicente a gracejar: - Bem vi que tinha um porco diferente aqui...

II - Tião trabalhava como ajudante no caminhão do Zeca do Toniquinho, puxando pedras para a construção civil na cidade. A pedreira localizava-se então, próxima à Serra da Bandeira. Numa das viagens, na subida do antigo Sítio do Sr. Adolfo (hoje trevo e saída para Resende Costa), o caminhão muito pesado não consegue subir. Zeca, enquanto segura no pedal, grita para o Tião: - Desce lá e escora o pneu. Daí a segundos, Tião informa: - Serviço feito! Zeca tenta arrancar, pneu desliza, aquele peso, acabando o caminhão por descer e feio a ingreme ladeira. Zeca desce e constata: Tião tinha calçado e bem o caminhão, mas... na frente do pneu!

A MATANÇA DO PORCO

Era um momento familiar solene. Símbolo de fartura, repasto garantido para praticamente o ano todo. Ambiente previamente preparado. Tachos, panelas, facas, vasilhas menores. Fogões e trempes acesos.

Munido de facas e afiador, chegava o sacrificador pela manhã, as primeiras luzes do sol ainda se abrindo no horizonte. A casa já toda aberta, pessoal em alvoroço. Hora de conduzir o bicho até o ponto do abate. Animal desconfiado, pois recebera apenas uma parca lavagem na véspera. Peado, seguro pelas patas, o matador espeta com precisão a faca na altura da goela, fluindo o sangue para uma vasilha ou alguidar ali apostos para o recolhimento do sangue, levado, de imediato, até a cozinha. Aceso, de pronto, um molhe de palhas, envolvendo todo o animal, tostado-lhe a pele, queimando-lhe o pelo para que este fique limpo e liso o máximo possível.

A seguir, pele já escurecendo, entram em ação facas, escovas, sacholas, baldes rapando os pelos já queimados e lavando-se, ao mesmo tempo, o couro. Dá-se uma achega final de calor com a palha a arder, de forma a tostar melhor a pele. Com água e sabão, completa-se, enfim, a aparência. Colocado o bicho sob tábuas e cepos, passa-se, então, à dissecação com a abertura da barriga, bandas que se abrem, retirada das tripas, miúdos, entranhas, peças todas do animal, pois tudo se aproveita. Sucessivamente, fígado, lombos, língua, pás, banha que vão sendo cortados, separados, sendo uns cozidos, outros acondicionados em recipientes à parte, tudo sob a zelosa regência da dona da casa.

As atividades prosseguiram ao longo do dia. O cheiro de carnes sendo cozidas, temperadas, a labuta das cozinheiras ao redor dos tachos e alguidares, a algazarra das crianças e mesmo adultos surrupiando e saboreando nacos de carne. Era uma roda de alegria e abundância, onde se reuniam amigos, vizinhos, numa confraternização animada entre petiscos, vinhos e licores, bate-papos, e que, em tempos idos, dava-se o nome de "freima" (pequena festa doméstica)

FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO



ORIGEM DOS JOGOS E BRINQUEDOS



Jogos, brincadeiras, modalidades recreativas sempre acompanharam a história da humanidade, sendo um de seus mais consideráveis fatores de desenvolvimento cultural, de socialização, impulso- nadores da criatividade humanas, tanto física quanto mental-intelectual. Trata-se de um fenômeno ou processo universal, inserido nas mais diversas civilizações, em todas as sociedades, desde as mais remotas eras, independentemente de seus costumes ou práticas religiosas⁽¹⁾.

A palavra “jogo” vem do latim “Ludus, ludere” com o significado inicial de movimento rápido e também como representação cênica e simbólica comuns aos ritos de iniciação na Antiguidade. As atividades lúdicas tem origem nitidamente cultural ou mesmo econômica, consistindo na representação de realidades circunstanciadas, específicas de um grupo ou povo, daí se propagando para outras regiões

Pouco se sabe, na verdade, dos jogos em tempos mais antigos, quando as populações eram nômades e sem registros escritos ou pictóricos. As primeiras evidências dos jogos encontramos-as entre os fenícios, famosos pelas atividades comerciais e náuticas e ainda junto aos egípcios, mormente as fixadas em seus pictogramas e hieróglifos (neles estão registrados jogos como o Senet).

Gregos e romanos legaram-nos inúmeras manifestações lúdicas como bonecas, animais de madeira, objetos de barro, o brinquedo do aro (roda de ferro que se equilibra durante a corrida), jogos de tabuleiro, labirintos etc. Um dos jogos mais conhecidos entre os romanos era o de “pedrinhas” (também chamado de “cinco marias” ou astrálogo)⁽²⁾. Há, ademais, referências à “amarelinha”. Os jogos se expandiram pela Europa, em particular na Península Ibérica, após as invasões muçulmanas, sendo de todos conhecida a obra “Livro dos Jogos” do Rei Afonso X⁽³⁾.



Exemplo de um dos jogos que se espalharam rapidamente pelo mundo é o xadrez (também conhecido como chaturanga), diz-se inventado por um sábio da Corte indiana que nele fez representar os quatro elementos do exército de então: carros, cavalos, elefantes e soldados comandados pelo rei e seu vizir. Da Índia, o xadrez popularizou-se, estendendo-se pela Pérsia, Arábia, Egito e Europa.

BODOQUE – originário da Índia, trazido pelos portugueses para a Europa e América. Fabricado a partir de uma vara de marmelo, de relativa grossura, flexível, ressecada ao fogo, a seguir afinada para se dar melhor flexibilidade, com ganzepe nas extremidades, onde se faz um encaixe para amarrar a corda (mais ou menos em seu centro). A corda é feita de barbante torcido e depois encerado, de modo a aumentar-lhe a resistência e durabilidade. Na metade da corda – coincidindo com a empunhadura do arco – faz-se um trançado denominado “malha” ou “rede”, onde se colocam os projéteis, geralmente pedrinhas, bolas de barro cozido, talos vegetais etc.

CARRINHOS – brinquedos muito comuns, são confeccionados a partir de restos de madeira, lata, sucata, dependendo da criatividade do artesão, que se utiliza de ferramentas como bigorna, alicate, ferro (ou aparelho) de solda, martelo. Encontramos hoje, nas feiras livres e mercados, vários e atraentes modelos como carretas, ônibus, carros de corrida, locomotivas e mesmo o tradicional carro de bois.

ESTILINGUE – também conhecido como baladeira, atiradeira, setra. Mais sofisticado que o bodoque. Brinquedo composto por 3 peças distintas: o gancho (ou forquilha ou cabo); o elástico e a malha. A forquilha é feita geralmente de laranjeira, goiabeira ou jabuticabeira. Nas extremidades das duas hastes da forquilha, amarra-se o elástico diretamente na peça (madeira). O elástico utilizado é comumente de câmaras de ar de pneus de carros, onde são riscadas duas paralelas, cortando-se duas tiras longas, mais ou menos de 30 cm de comprimento e 1 cm de largura. A malha é uma peça de couro cru onde se acoplam os projéteis – pedra, mamona verde, pelota de barro cozido.

MAMULENGO – também conhecido como presepe. Espécie de teatro de bonecos, que são talhados em mulungu, cortiça, papel marché, aproveitamento de sucata etc. O mamulengo, um tipo de fantoche, tem cabeça e braços ocios, manipulado(s) pelos dedos dos mamulengueiros ou artesãos muito comuns no interior do País, em especial no Nordeste brasileiro.

MULA MANCA – brinquedo confeccionado em madeira leve, com as características anatômicas de uma burrinha (membros básicos: pernas, pescoço, cauda). É colocado sobre uma base, com fios ligados a uma mola localizada (na base) e quando pressionada

pelos dedos, a burrinha movimentava-se por todos os lados.

DOMINÓ – inventado por monges budistas chineses muito antes de Cristo, chegando à Europa quando das grandes navegações e sendo muito praticado por religiosos europeus (padres). Quando um deles ganhava a partida, exclamava: “Domino gratia!” (“Graças a Deus!”, em latim) Dai o nome ou corruptela “dominó”. Chegou ao Brasil, trazido nas embarcações dos colonizadores portugueses, mas aqui, curiosamente, tornar-se-ia um dos passatempos e distrações preferidos dos escravos e ainda hoje muito praticado em nossas praças públicas, principalmente por aposentados.

JOGO DA VELHA – Diversão ingênua, surgiu na Inglaterra, praticado geralmente por mulheres que, aos finais de tarde, conforme os costumes ingleses, se reuniam para bordar, fofocar, distraírem-se, tomar o chá das cinco. Trata-se de um tabuleiro, tendo como matriz duas linhas horizontais e duas linhas verticais. O objetivo é conseguir três círculos ou três X em linha, seja horizontal, vertical ou diagonal e ao mesmo tempo, tentar impedir que o adversário ganhe na jogada seguinte, completando a linha. Quando um jogador alcança o objetivo, costuma-se riscar o símbolo # como confirmação do resultado (vitória).

PIÃO (OU PINHÃO) – Brincadeira que existe desde os mais remotos tempos. Na Grécia era conhecido como “strombo”, em Roma como “turba”. Trata-se de pequeno objeto feito de madeira ou metal, tendo na ponta um prego ou ferrão. Com um cordão ou ponteira, enrola-se da ponta ao corpo do pião, impulsionando-o para o chão e este, ao desenrolar-se, fica a rodopiar. O jogador, a seguir, habilmente, apara o pião em movimento ou impulso, usando os dedos indicador e médio em forma de tesoura, deixando-o girar e sibilar na palma da mão, até parar.

RATINHO – Brinquedo confeccionado sobre um molde de barro cru, usando-se mistura de água, goma e papel. O artesão modela o brinquedo, colocando um carretel de barro cru sob o brinquedo tensionado por uma borracha, puxado por uma linha, a que se adiciona rabo, orelha de borracha de pneu, pintando-se o corpo do bichinho com fortes cores primárias.

XIPOCA – artefato feito de um canudo de taquara, de mais ou menos 30 cm de comprimento e um êmbolo feito de madeira resistente, pouco maior do que o tamanho do tubo, (o qual deve correr dentro do canudo não muito folgado). A munição é feita de pedaços de jornal velho, amassado em forma de bolinhas, colocados no tubo com a vareta até atingir a extremidade e depois disparar. Este brinquedo é utilizado em “guerras” entre grupos de meninos, distantes uns dos outros cerca de cinco a oito metros. Quanto maior a pressão, mais longe é lançado o projétil.

NOTAS

(1) J. Huizinga em sua clássica obra “Homo Ludens”, editada em 1943, observa que o ser humano sempre brincou ou seja a brincadeira, o lúdico, são manifestações inerentes à natureza humana.

(2) Astrálogo – nome atribuído aos ossos das patas de carneiros, cujo formato quadrado serviam de peças, auxiliando nas jogadas.

(3) A prática de jogos viria encontrar resistências – e por vezes drásticas, rigorosas – por parte da Igreja Católica. O Concílio de Trento (1545-1563) considerou os jogos algo pecaminoso, portanto a serem banidos da sociedade. Os jogos viriam a ser condenados também pelo IV Concílio de Latrão, que se reuniu, em Roma, entre os dias 11 a 30 de Novembro de 1215, convocado pelo Papa Inocente III (1198-1216). Uma curiosidade histórica: historiadores atribuem ao Papa Inocência III e aos exércitos papais um dos maiores genocídios da história – o massacre de albigenses e cátaros, tidos como “hereges”, com cerca de 1 milhão de mortos!

JOGOS E INFÂNCIA

A Antiguidade, passando pela Idade Média e mesmo até inícios da Idade Moderna na Europa, não se tinha uma visão precisa da infância como estágio de vida, daí sua marginalização frequente na vida familiar e social. Assim as crianças, de então, pouco ou nada usufruíam dos jogos e brincadeiras, porquanto inteiramente desconhecidos seus direitos e necessidades lúdicas.

Somente a partir do séc. XVII, passou-se a perceber e exercitar gradualmente o valor educativo dos jogos, incluídos como tarefas escolares, em especial as que envolviam esforços físicos. Progressivamente, os conceitos ou medidas radicais que restringiam jogos, varias de viés religioso, foram eliminados e muitos brinquedos – bonecas, bolas, animais, carrinhos – passaram a fazer parte do universo lúdico, inserindo-se as crianças na vida adulta e que hoje são peças fundamentais no desenvolvimento intelectual, na coordenação motora da criança.

Graças à imaginação, à criatividade infantil e a interação adulto/criança, criança/criança, muitos artesãos, em particular na Alemanha, nos séculos XVII e XVIII, passaram a confeccionar brinquedos, utilizando-se de sobras de matéria prima local, processo que, já no final do séc. XIX e até os dias atuais, tornar-se-ia industrial, com a fabricação em série, para alegria da criançada.

Segundo Freud, em “Escritores criativos e devaneio” (1908), o brincar infantil é similar à criação poética. Estariam na infância, segundo o notável psicanalista, os primeiros traços da capacidade imaginativa, porquanto a criança opta pelo brincar e faz dessa atividade muito da realidade em que vive, tal qual um escritor que cria um mundo próprio, de fantasias. Ainda, segundo Freud, o contrário de brincar não é o sério, mas o real. As fantasias originam-se de desejos irrealizados, de correção da realidade insatisfatória, agindo como urdiduras que ligam os mundos intuitivos e por vezes nos curam, aliviam-nos os males como um bisturi onírico.

O brinquedo, em específico o artesanal, age de forma interativa no universo de fantasias da criança, aproximando-a da realidade em que vive, inserindo experiências internas e externas ao seu mundo, com inequívoca melhoria na socialização e aprendizagem. O brinquedo artesanal – adequado e identificado com a cultura popular – encanta, sobremaneira, as crianças de todas as gerações e classes sociais; continuam (os brinquedos) sendo fabricados e utilizados nas regiões mais pobres do País, onde o artesanato é fonte de subsistência de grande parcela da população, sendo encontrados em feiras e mercados livres, mercearias, vendedores ambulantes. Exemplos: carrinhos de madeira, de lata; marionetes; bonecas de pano; aviõezinhos de papel; piões; baladeiras; estilíngues; petecas; papagaios ou pipas; bodoques etc.

Brincando na escola – Importante que as escolas trabalhem a origem, importância e prática de jogos e brincadeiras, identificando formas de convívio social, seu efeito cultural, nos mais diferentes tempos e povos. Algumas sugestões para uma atividade escolar:

- que brincadeiras nossas crianças conhecem ou já brincaram? Onde? Com quem?
- que jogos e brincadeiras os pais e avós das crianças se recordam de ter participado quando crianças?
- que brincadeiras e diversões do passado permaneceram até os nossos dias? Quais mudaram/desapareceram?
- Podem as brincadeiras e jogos serem realizados nos espaços atuais?

Nota S&S – Fizemos já inúmeras sugestões – obviamente infrutíferas – nas páginas de nosso boletim, em edições anteriores, quanto à necessidade de resgatarmos/reativarmos nossas manifestações lúdicas, folclóricas, incluindo a montagem de Oficinas lúdicas. Obrigação do Poder Público e da comunidade, que devem/deveriam ser sensíveis a isso. Há recursos para tantas coisas, em grande parte supérfluas, mas para a cultura, a educação, são outros quinhentos... Vamos, todavia, insistindo, batendo na pedra dura, quem sabe, um dia...

CANTIGAS DE RODA

Prosseguimos o registro de cantigas e brincadeiras de roda, tão comuns em tempos idos, e que compõem o nosso rico folclore.

O objetivo, conforme já frisamos em números anteriores, é o de registrar e compor o cancionário de roda, as conhecidas cirandas, de forma a auxiliar o trabalho de professores, pesquisadores e pessoas sensíveis à nossa cultura.

Ratinho

- seu ratinho está em casa?
- Não
- A que horas ele chega?
- (Diz-se a hora)
- Quantas horas são?
- Uma

As crianças formam um círculo, estando todas de mãos dadas, com os braços para cima e viradas para o centro; com exceção de uma delas, que fica virada para fora: ela é a porta. Uma outra criança é o ratinho que fica no centro; outra é a ratinha, que fica andando por fora do círculo. A ratinha pergunta se o ratinho está em casa. A porta responde: - Não. A ratinha continua andando ao redor do círculo, perguntando: - “Quantas horas são?” As do círculo respondem em coro: - “Uma hora”, até o horário da chegada. Assim que o ratinho chega, a ratinha pergunta, novamente à porta, se ele já chegou. A porta responde que sim. Pede para chama-lo. A ratinha faz algumas perguntas ao ratinho a respeito da limpeza da casa. O ratinho responde “não”, dizendo ter deixado todo o serviço para ela fazer. Ela corre atrás dele, sendo que passam por baixo dos braços das demais crianças; a ratinha só pode passar onde o ratinho já passou, não pode atalhar, até que consegue pegá-lo.

Boca de Forno

- Boca de forno
- Forno
- Fritar um bolo
- Bolo
- O que o Rei disser
- Faremos todos
- Se não fizer
- Ganhamos um bolo
- O seu Rei mandou dizer que é para trazerem...

Existe, entre as crianças, uma que é o Rei. É ela quem dá ordens e fala: - “Boca de Forno” etc. e dá ordem, geralmente sempre algo difícil de trazer. Se o que o rei pediu não foi atendido, ele tem licença para ordenar sentença às demais. O Rei pergunta: - “Bolo de quê?” Os bolos variam: bolo de anjo até bolo de pai. Os de anjo são os que doem menos, enquanto os de pai são os que mais doem. Varia também conforme o horário de chegada e o cumprimento da ordem. (Sobre os tipos de “bolos”, ver a brincadeira “Anelzinho”)



IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO

Que pau é este?

- Que pau é este?
- Jacarandá
- Que pau é este?
- Ipê
- Que pau é este?
- Ferro

As crianças se seguram, punho a punho, formando uma roda; uma delas fica no centro, é o boi. Cada braço tem o nome de uma madeira. A criança pergunta: - Que pau é este? – apontando para o braço. A dona do braço responde o nome da madeira. A do centro diz que vai experimentar se é forte e dá um arranco no braço (tentando passar). Se a criança é forte, não deixa escapar o boi. Assim continua até que consiga escapar. Quando consegue romper o cercado, todas correm atrás do boi, procurando aprisioná-lo novamente.

Pica pau do Sertão

Formam-se duas rodas, uma dentro da outra, onde cada menina fica de frente para a sua companheira. Batem palmas, mas nas mãos das outras, acompanhando a cantiga:

Pica pau lá do sertão
Não é como o daqui, não
O de lá bica no pau
O de cá no coração

Corre Cutia

Todas ficam de cócoras, formando uma roda, sendo que uma das crianças fica no centro. Esta traz na mão uma bola de papel e começa a correr por detrás das demais crianças, dizendo:

- Corre cutia de noite e de dia
- Seu rabo assobia
- Debaixo da bacia

Coloca a bola de papel debaixo de um dos companheiros e sai correndo. Este levanta-se e, com o papel na mão, deve correr para pegá-lo. Se ele conseguir chegar ao lugar vago antes, o companheiro tomará seu lugar na roda, recomeçando/prosseguindo a brincadeira



IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO

Olha que linda laranja

Forma-se uma roda. Enquanto cantam, vão virando para trás, com os braços trançados. Cantam até todos virarem.

- Olha que linda laranja!
Quem olhou, ficou com ela
Ela é verde e amarela...
Pula (fulana) a esquerda janelá

Chicotinho queimado (biscoitinho queimado)

Dentre as crianças que estão brincando, escolhe-se uma que irá esconder o chicotinho queimado (uma varinha). A criança escolhida esconde o chicotinho onde lhe parecer mais difícil de ser encontrado pelos companheiros, sem, contudo, ir muito longe. Enquanto se esconde o chicotinho, as demais crianças permanecem de olhos vendados ou virados para a parede. Assim que o chicotinho se acha escondido, a criança que o escondeu, grita:

- chicotinho queimado!

Todos saem à procura da varinha. Quanto mais se aproxima do esconderijo, mais vai aumentando o "calor" e quem o escondeu, vai gritando:

Se está muito longe: - Tá gelado!

Se está muito perto: - Tá ficando morno...

Se quase descoberto: - Tá esquentando...

Quando a criança chega ao local exato do chicotinho, aquela que o escondeu, grita: - Pegou fogo! (ou então Torrou!). A criança que o encontrou, será a encarregada de o esconder novamente e assim prossegue a brincadeira.



IMAGEM INTERNET/ DIVULGAÇÃO

Anelzinho

As crianças ficam sentadas de mãos postas sobre o colo. Uma delas é escolhida para passar o anel. Também de mãos postas, ela conserva, oculto, o anel. E vai passando dentre as mãos das companheiras. No intuito de iludir as demais, ela deixa discretamente o anel nas mãos de uma e prossegue pelas outras, como se ainda conservasse consigo o anelzinho. E, ao passar, diz a cada uma:

- Guarde este anel bem guardadinho

Depois, pergunta a qualquer uma: - com quem está o anel? A criança inquirida aponta ou menciona quem ela julga estar com o anel. Se acertar, a pessoa indicada será a próxima a passar o anel. Se não acertar, pergunta-se àquela que foi nomeada: - Quantos bolos ela merece?

A criança dá a sentença. Por exemplo: cinco bolos de pai. Os bolos variam de acordo com a força que é usada na aplicação, podendo ser:

Bolo de soldado – com mais força

Bolo de pai – um pouco menos forte

Bolo de mãe – com menos força ainda

Bolo de anjo – só o leve passar de mão sobre a do sentenciado.



DESENHO INTERNET/ LUCKAS/ DIVULGAÇÃO

OFICIO

Ficam de um lado as crianças "ricas" e do outro uma "pobre". As crianças ricas ficam de mãos dadas em frente da menina pobre e, por sua vez, cantam:

A pobre: Eu sou pobre, pobre, pobre
Vou embora, embora, embora
Eu sou pobre, pobre, pobre
Vou embora daqui!

As ricas: Eu sou rica, rica, rica
Vou embora, embora, embora
Eu sou rica, rica, rica
Vou embora daqui!

A pobre: Pois me dá uma menina
Vou embora, embora, embora
Pois me dá uma menina
Para nossa companhia

As ricas: Qual é que você quer?
Vou embora, embora, embora
Qual é que você quer?
Vou embora daqui!

A pobre: (fala o nome de uma das meninas ricas)

Eu quero é a
Vou embora, embora, embora
Eu quero é a
Vou embora daqui!

As ricas: Que ofício dá a ela?
Vou embora, embora, embora
Que ofício dá a ela?
Vou embora daqui!

A pobre fala o nome de um ofício. Se for aceito, passa a menina para o seu lado; se não for aceito, canta novamente e dá o nome de outro ofício.

Ofício de normalista
Vou embora, embora, embora
Ofício de normalista
Vou embora daqui!

As Ricas: Este ofício nos agrada
Vou embora, embora, embora
Este ofício nos agrada
Vou embora daqui!

Ou, então: Este ofício não nos agrada
Vou embora, embora, embora
Este ofício não nos agrada
Vou embora daqui!

Neste caso, (em que há a rejeição do ofício) é a menina pobre quem nomeia outro ofício. Repete todo o canto até as crianças ricas passarem todas pelas pobres e cantam:

A pobre: Eu de pobre fiquei rica
Vou embora, embora, embora
Eu de pobre fiquei rica
Vou embora daqui!

As ricas: Eu de rica fiquei pobre
Vou embora, embora, embora
Eu de rica fiquei pobre
Vou embora daqui!

Se a brincadeira continuar, a menina rica que ficou sozinha, fica sendo a pobre, e prossegue-se da mesma maneira.

Aves observadas

CHOQUINHA DE FLANCO BRANCO

Vista, na área urbana, uma ave de pequeno porte, que, segundo informações colhidas, trata-se do “formigueiro de costado (ou dorso) branco”, igualmente conhecida como “choquinha de flanco branco”

Pássaro do gênero “Myrmotherula axillaris” (“papa formigas”), cor ardósia ou ocre escuro, com ombros ou asas com pontos brancos. O padrão da plumagem é modesto. Medem cerca de 10,5 cm, pesando 8 a 9 gr. Vivem em sub-bosques, capoeiras altas e florestas, em pares ou pequenos grupos. Capturam insetos e mesmo pequenos artrópodes. O macho possui as costas, garganta e peito de coloração cinza preta; já a fêmea apresenta as costas oliváceas ou acinzentada, garganta esbranquiçada e o restante da parte inferior de cor bege. Faz seu ninho entre 20cm e 4m de altura. Distribui-se por toda a Amazônia, acompanhando a costa brasileira até o Espírito Santo e Rio de Janeiro. Dada a relativa proximidade de nossa região com o litoral, o impulso das correntes marinhas, daí ser comum a presença de aves de habitat litorâneo em nosso meio.



FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO

FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO



Criação de peixes

O Jornal “Estado de Minas”, edição de 07/12/2015, trouxe interessante matéria sobre aquicultura – a expansão da criação de peixes em nosso Estado, em especial as espécies tilápia e truta, em municípios da Serra da Mantiqueira (Sapucai Mirim, Camanducaia, Delfim Moreira, Bocaina de Minas, Aiuruoca, Baependi) e ainda na represa de Três Marias (município de Morada Nova de Minas). Somos já o 2º Estado maior produtor do País com 670 t de truta e 15 t de tilápia em 2014), superados apenas por Santa Catarina.

Ambas (tilápia e truta) são espécies específicas de água doce, tendo sua produção várias vantagens, segundo técnicos da EMATER e produtores ouvidos pela reportagem:

- Ciclo curto de produção
- Condições climáticas favoráveis
- Atendimento ao turismo e à gastronomia
- Opção (para o consumidor) de preço de carne mais barato, se comparado ao de carne vermelha, como a bovina

A matéria nos remete à figura do ex-prefeito municipal, sr. José Resende Santiago (Pereirinha), mandato 1955/58, que entendia/preconizava dispor o município de São Tiago, dadas as suas notórias condições hídrico-topográficas (nascentes e veredas em elevada altitude, acima de 1.000 m) de grande potencial para a produção de peixes nobres, incluindo camarão de água doce, etc.

Lição que sucessores e comunidade não levaram a sério! Nunca é tarde, porém, para começar...

MARGENS DE RODOVIAS

O Estado, alegando interesse social, promove abertura de estradas, geralmente não indenizando proprietários, não realizando o cercamento e conservação de limites ou tapumes. Muitas vezes, sequer obras de escoamento (enxurradas) fazem. A base física sobre a qual se assenta uma rodovia é constituída pelas pistas de rolamento, canteiros, acostamentos, sinalização, faixas laterais de segurança até o alinhamento das cercas que separam a estrada dos imóveis marginais.

O uso de faixas laterais de domínio e áreas adjacentes à rodovia obedecem a condições de segurança e trânsito estabelecidas pelo Código de Trânsito Brasileiro, emanadas de órgãos ou entidades como o DNIT. As portarias, normas, manuais, instruções, resoluções – enfim, toda uma parafernália – que regulamentam o assunto são extensas, complexas e necessitam ser “deglutidas” pelos interessados.

Muitos proprietários tem o hábito de usar/cercar as faixas laterais de domínio das rodovias, utilizando-as para pastagens, lavouras, até edificações. Não o podem fazê-lo, unilateralmente, sob pena de sérios riscos legais. Necessitam ter autorização dos órgãos responsáveis (obrigatoriamente os federais e estaduais ou ainda municipais, caso regulamentado pelo município). Em casos de acidentes, estando as margens bloqueadas irregularmente pelo proprietário, e em que haveria possibilidade de desvio pelos veículos conflitantes, em situação de sinistro, o proprietário responderá judicialmente pelo fato. Mil aborrecimentos, na certa...



FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO

VELÓRIOS

Torna-se imprescindível uma mudança cultural e mesmo profilática por parte de nossas famílias, no tocante ao costume de ainda serem realizados velórios de familiares nas residências. Hoje, com os eficientes serviços funerários de que são dotadas as cidades, inclusive com a manutenção/disponibilização de confortáveis velórios externos, mantidos por empresas funerárias ou Paróquia do mais alto nível profissional, não mais se justifica o hábito dos velórios residenciais. Trazem transtornos diversos, de conhecimento geral.

São raríssimas as cidades em nossa região em que ainda se adota ou se observa o hábito do velório em casa. Algo obsoleto, inadequado para os atuais tempos. Eis porque nossa comunidade precisa pensar no assunto...

Incivilidade e má qualidade da relações sociais

Deparamos, frequentemente, com atitudes – muitas delas já culturalmente arraigadas – que ferem e transgridem o bom comportamento, as boas maneiras, os foros de civilidade e por conseguinte, a qualidade das relações sociais. Uma delas é o atraso, a impropriedade nos compromissos assumidos. Pessoas há, embora conhecendo suas responsabilidades e horários agendados, teimam displicentemente em chegar atrasados. Prejudicam, com isso, a programação, o bom andamento e ordenação dos trabalhos, desrespeitam convenções sociais, empresariais – e ainda acham natural o fato...

Outras tantas incivildades são a desatenção para com o interlocutor, as conversas paralelas, uso de gírias e de termos inadequados, inconvenientes ou obscenos, em especial em ambientes ou ante pessoas que desconhecemos ou com as quais não temos intimidade, o fumar em local proibido, uso de trajés impróprios e ostensivos, embebedar-se, constranger pessoas próximas, o mascar chiclete em público (arf!), o altear a voz, censurar, ironizar, dar bronca em alguém em ambiente coletivo.

São situações perturbadoras, algumas aterradoras, prejudiciais à correção e à lhanza nas relações sociais e que nos deveriam levar à prática da resiliência, a necessidade de respeitar, se colocar no lugar do outro. Forçam-nos a todos, pais, educadores, empresas a desenvolvermos estratégias sistematizadas, de formação e da melhoria do nível de convivência ético-social.

PRAÇAS PÚBLICAS

Quando da construção de Belo Horizonte, em fins do século XIX, a planta original da nova Capital mineira constava, em seu desenho, com praças, canteiros, passeios, bancos, árvores, toda uma ambiciosa configuração paisagística. Ora, as praças, como espaço público, buscam atender as necessidades dos moradores, contando, ademais, para tal, com playgrounds, local para a realização de eventos culturais, ou seja um espaço dinâmico, harmonioso, diversificado a fim de receber crianças, adultos, cadeirantes, idosos, pessoas de todas as idades e condições físicas.

Tanto assim que Belo Horizonte dispõe de praças famosas, históricas, bem conservadas, como as da Liberdade, a Floriano Peixoto, a população não abrindo mão de seu integral usufruto. Entre nós, porém, o que vemos, em especial nos novos loteamentos – diz-se aprovados – carência de áreas verdes e de amplo espaço viário para lazer, ruas minúsculas para o tráfego de mosquitos, deficiência de espaço para serviços públicos essenciais (escola, centro de saúde etc.). A ganância de se lotear até veios d'água e veredas acessórias. Seremos todos tratados dessa forma e desrespeitados, até quando?! E as gerações novas – onde brincarão, onde estudarão, como se locomoverão?!

Um recente debate no Senado, com a presença de especialistas, abordou justamente a sustentabilidade e mobilidade nas cidades, com ênfase para a denominada “agenda verde” (espaços especiais para circulação e atuação de pessoas, preservação ecológica, qualidade de vida...) Sinal de preocupação vital de autoridades e sociedade quanto ao tema

Os abusos das mineradoras, dos destruidores de florestas, poluidores, grupos imobiliários, dos saqueadores do dinheiro público estão aí nos assombrando... Culpa nossa, que nos omitimos, silenciamos!

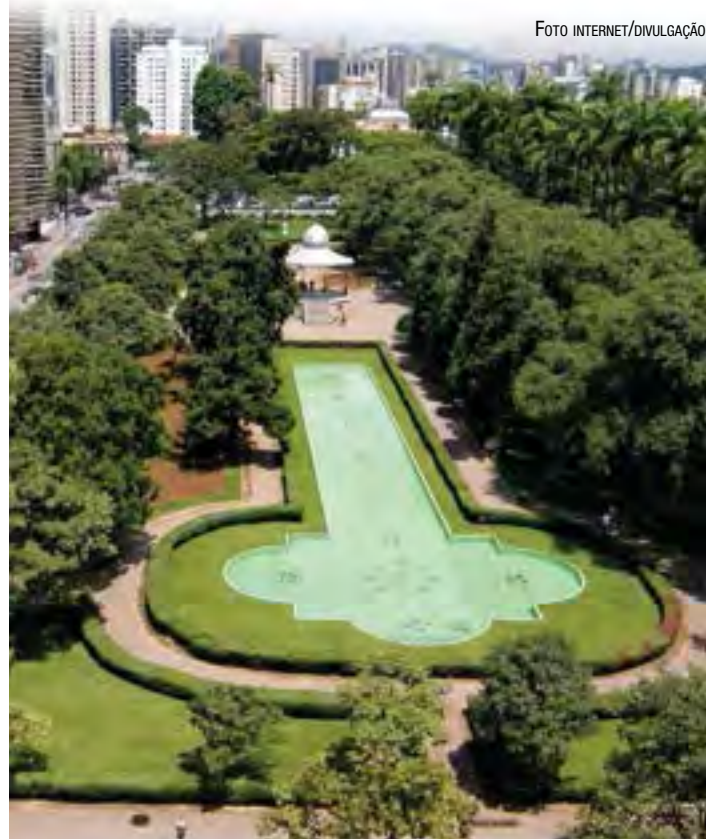


FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO

BÊNÇÃO

Monsenhor
Francisco Elói
de Oliveira



Foi em fevereiro de 1998. Monsenhor Elói estava hospitalizado em Belo Horizonte, Hospital Madre Tereza.

Domingo, dia de futebol, clássico Cruzeiro e Atlético. A partir de dezesseis horas, silêncio total: na Avenida Raja Gabaglia e adjacências, nos corredores do hospital. De vez em quando, alguns gritos incompreensíveis de alegria, muito ao longe.

Duas horas mais tarde, explosão: gritaria, fogos de artifício, buzinação. Alegria total. Comemorações desmedidas. Nos corredores do hospital, médicos e enfermeiros de plantão sussurram opiniões: uns são cruzeirenses e a maioria, atleticanos.

Monsenhor, curioso, quer saber o que está acontecendo. Berenice coloca-o a par da festa inesperada.

De repente, movimentação diversa e contraditória toma conta do hospital: choro, lamentações e correria. Berenice e eu saímos na porta do quarto e fomos ver o que estava acontecendo. Pensávamos ser algum acidente causado pela euforia do resultado do jogo. Uma enfermeira, afoita, parou alguns segundos para esclarecer:

-Uma criança recém-nascida engasgou-se com o leite materno.

Voltamos ao quarto. Mais uma vez, Monsenhor quis saber o porquê da reviravolta que acabara com a alegria.

Contamos para ele sem maiores detalhes. E essa foi a reação e a atitude dele:

-Coitadinho. Vou benzê-lo e abençoá-lo. Dois minutos depois, silêncio total. Perguntamos novamente a enfermeira:

-Não temos explicação, mas a criança melhorou. Está muito bem. Dorme tranquilamente. Médicos que a atendiam já estavam desanimados, pois o quadro era gravíssimo: ela teve parada cardíaca. Nasceu há cinco dias, recebeu alta ontem e voltaram com ela agora. Avós e pais, marinheiros de primeira viagem, chegaram aqui em pânico. Não sabemos como, de repente, tudo foi resolvido e se acalmou.

No dia seguinte, fomos visitar a criança e seus pais, no quarto ao lado. Menino muito saudável, pais muito felizes, deu-nos a impressão de serem de alto poder aquisitivo e alta posição sociocultural. Contamos que estávamos no quarto ao lado e que éramos acompanhantes de um padre, Mons. Elói, de São Tiago, perto de São João del-Rei. Que ele, ao ouvir lamentações no corredor do hospital, compadeceu-se da criança, rezando por ela e abençoando-a.

Avós, visitantes e pais se emocionaram chegando às lágrimas.

Ao receberem alta, passaram para agradecer ao Monsenhor. Este vestido de batina, sentado numa cadeira, quis ir até o corredor conhecer o menino. Desobedecendo as regras e ordens hospitalares, o levamos. Monsenhor brincou com a criança, abençoou-a mais uma vez, profetizando que aquilo nunca mais ia se repetir. Novamente, emocionou a todos.

O pai desabafou:

- Nossas famílias sempre foram Adventistas do Sétimo Dia. Eu sou Pastor. Vou estudar e me aprofundar na Fé, na Esperança e na Caridade da Igreja Católica. Mons. Elói fingiu não escutar, sendo levado silenciosamente para o quarto. Nunca mais quis conversar sobre esse assunto. Berenice e eu fizemos o mesmo.

(Carlita Castro Coelho)

CHEGADA DOS EXPEDICIONÁRIOS NO BRASIL – NA CAPITAL RIO DE JANEIRO E EM SÃO TIAGO – 1945

Dizem que no Rio de Janeiro foi uma festa arrojada. Agora, a chegada em São João del-Rei foi também muito bonita, entusiasmada; havia muitas alegrias e choros por todas as famílias que recebiam aqueles seus entes queridos e amigos. Tristezas também por não ter voltado Frei Orlando e mais alguns que não sei. O povo de São Tiago foi em peso para São João del-Rei. Todos se alegraram com aquela chegada vitoriosa ao Brasil e também com nossos santiaguenses que voltaram vivos, graças a Deus. Em São Tiago, quando se deu a chegada do Capelão Militar, Pe. Francisco Elói de Oliveira e seus companheiros, o povo rezava e chorava, dando graças a Deus. As ruas estavam enfeitadas, com o grande entusiasmo e alegria do povo. Seus companheiros de São Tiago: Francisco Palumbo, Francisco Quirino, Carlos Silva Júnior, Nilson Resende (Flavito) e Cipriano José Nonato.



O sr. José Pedro e D^a Júlia de Sena, pais de Pe. Francisco, moravam na Rua Sampaio. A rua parecia um jardim, tantas as flores e enfeites. Aqui em São Tiago tinha um grande comerciante, que se chamava Vicente Mendes. Era um grande homem, para ajudar em tudo que precisava (de sua ajuda). Em São Tiago o povo não conhecia alto-falante; ele deu um jeito, foi para São João del-Rei e trouxe um técnico com esse aparelho. Colocou-o em determinado lugar para que todos tomassem parte das festas. E que todos ouvissem as grandes manifestações (festas). O banquete (almoço) foi dirigido pela sra. Peixe, seu apelido, ela era madrinha do Capelão Militar, e esposa do sr. Tonico Machado. Oferecido aos ex-combatentes do lugar e seus companheiros, foi um almoço de arromba. Uma festa muito bonita. O povo aclamava, com alegria e choro, por ver nossos conterrâneos e amigos, fazendo parte daquelas comemorações tão dóidas e bonitas. Me lembro bem das palavras do nosso querido vigário Padre José Duque de Siqueira: "Entrego o meu companheiro Pe. Francisco e seus companheiros de caminhada que São Tiago trouxe para nós, Deus os abençoe..." e não aguentou falar mais nada, de tanta emoção.

Eu, Maria de Lourdes e Naná, esposa do sr. Vicente Mendes, ficamos firmes, junto de todos, na sala do almoço, ouvindo e vendo tudo que estava passando. Fiquei firme com ela, porque também tomei conta de seu filho Irimar, que estava muito pequeno, para que sua mãe Naná fosse tranquila para os festejos de São João del-Rei. As festas foram muito bonitas e emocionantes em São Tiago. Em frente a Igreja Matriz, foi colocada uma grande cortina, separando do povo os ex-combatentes, que só seriam vistos, quando a cortina se abrisse. Enquanto isso, a Banda tocava, alguém falava anunciando a programação. No momento em que a cortina se abriu, lá estavam, atrás dela, os bravos soldados, pracinhas santiaguenses. Ao som do Hino Nacional, eles foram aplaudidos, o povo batia palmas, chorava. Lembro-me de olhar, naquele momento, os pais de Monsenhor, o sr. José Pedrinho e D^a Júlia. Eles também estavam vendo, pela primeira vez, o filho que voltava vivo da 2^a Guerra Mundial. Ele, que tanto animou os soldados nos momentos difíceis e de dores, mas que também vibrou nos momentos de glória. Sr. José Pedrinho, D^a Júlia não se continham de emoção. Choravam e rezavam, enquanto eram também abraçados e homenageados. Foi um dia inesquecível".

(Depoimento/memórias de D^a Maria Cristina de Lourdes Reis)

Sobre Monsenhor Elói e Expedicionários de nossa região ver matéria em nosso boletim nº XCVIII, Novembro/2015